

# **AVALIAÇÃO DAS MUDANÇAS RECENTES DO COMÉRCIO EXTERNO ENTRE CHINA E PAÍSES SELECIONADOS DA AMÉRICA DO SUL**

Fernando Augusto Mansor de Mattos<sup>1</sup>

Marcelo Dias Carcanholo

**Artigo submetido às seções ordinárias**

**Área Especial 8: América Latina e Brasil na nova configuração do capitalismo**

**Sub-área 8.1: Os Novos Desafios para o Brasil e América Latina**

**Resumo:** O objetivo deste estudo é comparar alguns resultados em termos de evolução do perfil do comércio externo da China e de alguns países da América do Sul (Brasil, Argentina e Chile). Inicialmente, são avaliados os aspectos gerais da evolução recente do comércio exterior chinês, destacando a evolução do perfil (segundo categoria de produtos) de suas exportações e importações, bem como a magnitude da trajetória de ambos em comparação com o conjunto do comércio mundial. Em seguida é feita uma avaliação mais detalhada da evolução recente do comércio externo chinês com os três países mencionados, buscando-se destacar a influência da China (respectivamente, como destino e origem), em comparação com outros países e/ou outras regiões, na evolução do perfil (segundo o grau de incorporação do progresso tecnológico nos produtos) das exportações e também das importações destes três países.

**Palavras-chave:** China, América do Sul, inserção externa, perfil do comércio externo

**Abstract:** The aim of this study is to compare some results of foreign trade of China and some countries of South America (Brazil, Argentina and Chile). Initially, it evaluates the general aspects of the recent evolution of Chinese foreign trade, highlighting the evolution of the profile (according the category of products) of their exports and imports, as well as the magnitude of the path of both in comparison with the overall world trade. Then, it made a more detailed assessment of recent developments in Chinese foreign trade with the three countries, aiming to highlight the influence of China (respectively, as source and destination), in comparison with other countries and / or other regions, in the evolution of the profile (according to the degree of incorporation of technological advances in products) of exports and imports from these three countries.

**Key words:** China, South América, external insertion, foreign trade profile

## **APRESENTAÇÃO**

Nos anos 80 e 90 do século passado a economia mundial perdeu dinamismo<sup>2</sup>, mas a China, pelo contrário, ganhou e ostentou crescimento sem oscilações significativas. No período 1979-2008 a economia chinesa cresceu em média 9,8%. Segundo a CEPAL (2010: 07), “en los últimos 30 años, China ha logrado una tasa de crecimiento médio anual cerca a los dos dígitos. Este proceso sostenido de crecimiento

---

<sup>1</sup> Professores da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Pesquisadores do PNPD-IPEA.

<sup>2</sup> Dados do Banco Mundial mostram que, entre 1950 e 1980, o crescimento médio real anual da economia global foi de 4,6%, enquanto entre 1980 e 2008, foi de 3,0%; no período entre 2000 e 2008, o crescimento médio real do PIB global foi de 2,9% (média anual).

há sido liderado, principalmente, por las industrias manufacturadas, de la construcción y de servicios”. No mesmo período, a economia mundial teve crescimento médio anual de 3,7% e a economia da América Latina e Caribe apenas 3%, também segundo dados da CEPAL.

Mesmo nos anos de maior impacto da atual crise econômica, a economia chinesa vem mantendo taxas de crescimento real invejáveis até para períodos fora da recessão mundial. Em 2009 esse crescimento foi de 8,7%, sendo que no terceiro trimestre do ano, se comparado com o mesmo trimestre do ano anterior, foi de 9,1%, e no quarto trimestre de 10,7% (CEPAL: 2010).

Já a América Latina e Caribe, por sua vez, desde 1983 estiveram abaixo da média não só da economia mundial, mas também das economias em desenvolvimento, o que implica um retrocesso da região no cenário internacional. O Brasil, em específico, também apresentou esse comportamento, sendo que no período 1983-1990, sua taxa média de crescimento real do PIB foi de 2,4%, superior aos 1,8% da América Latina e Caribe, mas em períodos subsequentes (1992-2000 e 2002-2008) ela foi inferior. Apenas no pós-crise (2009/2010) é que a economia brasileira tem apresentado um crescimento maior se comparado com a América Latina e Caribe e, principalmente, com as economias avançadas.

O excepcional<sup>3</sup> crescimento chinês implicou um forte avanço da participação da economia chinesa no PIB global. Em 1986, a China representava 1,6% do PIB global<sup>4</sup>, em 2000 ela passa para 3,8%, e, a seguir, para 5,3% em 2005 e para 6,6% em 2008 (tabela 1). Ainda em termos de participação relativa, trata-se de um valor bem inferior ao que apresenta o total das economias avançadas – em especial dos Estados Unidos e União Européia; entretanto, o patamar da participação relativa da China tem crescido expressivamente nos últimos anos, mesmo dentro do grupo de países de economias em desenvolvimento (tabela 1).

---

<sup>3</sup> A excepcionalidade do crescimento chinês se expressa não apenas pela sua magnitude, mas pela sua duração e também pelo fato de que tem se mantido em elevado patamar sem oscilações importantes desde pelo menos o início dos anos 1980.

<sup>4</sup> A tabela 1 apresenta dados segundo a metodologia de dólares constantes, no caso, de 2000, e não a que se baseia na paridade do poder de compra. “A metodologia da paridade do poder de compra, como se sabe, infla de forma significativa o produto dos países mais pobres. É mais adequada para uma análise do bem-estar das populações do que para uma avaliação do tamanho relativo das economias nacionais e de suas interações na economia global” (Macedo e Silva: 2010, p. 10). Este autor remete para Milanovic (2005, cap. 2) uma discussão detalhada sobre a comparação entre as distintas metodologias do PIB comparado dos países.

Tabela 1  
Participação no PIB global (medido em dólares constantes de 2000)  
Países e regiões selecionados (valores como % em relação ao total mundial)

Países/regiões	1985	1990	1995	2000	2005	2008
Economias avançadas	83,8	81,5	80,4	79,3	76,6	74,4
G7	71,4	68,9	67,7	66,3	63,6	61,4
EUA	31,2	29,6	29,8	30,9	30,4	29,5
Japão	16,9	17,3	16,6	14,8	13,8	13,1
Alemanha	6,8	6,5	6,4	6,0	5,4	5,3
UNIÃO EUROPÉIA	29,2	28,5	27,4	26,8	25,6	25,0
Econ. em desenvolvimento	16,1	18,4	19,4	20,6	23,3	25,5
Ásia em desenvolvimento	4,1	4,6	6,3	7,2	9,2	11,0
China	1,6	1,9	3,0	3,8	5,3	6,6
América Latina e Caribe	4,6	4,0	4,3	4,4	4,3	4,6
Brasil	2,4	2,1	2,2	2,0	2,1	2,2
África	1,6	1,5	1,4	1,4	1,6	1,7

Fonte: WB/WDI. Adaptada de Macedo e Silva (2010).

Comparando internamente à região das economias em desenvolvimento, observa-se que a economia chinesa não era a principal componente da região em 1985, ficando sua participação relativa abaixo à da América Latina e Caribe, e até mesmo abaixo da economia brasileira. Já em 1995, porém, a economia chinesa passa a representar 3% da economia global, superior aos 2,2% da economia brasileira; em 2005, a participação da economia chinesa na economia global sobe a 5,3%, patamar já bastante superior aos 4,3% da América Latina e Caribe. Em 2008, os 6,6% da economia chinesa já equivaliam a três vezes a participação da economia brasileira dentro do PIB global.

O que explica essa diferenciação nos resultados obtidos? Será que as especificidades na forma de inserção internacional podem ajudar nessa explicação? Em suma, o que explica o fato de que, conforme salienta Paulino (2009), a China tem revelado saber tirar mais vantagens das modificações ocorridas no comércio internacional do que a América Latina?

O pensamento conservador tende a imputar este resultado diferenciado da economia chinesa a um pretenso bem sucedido processo de reformas de abertura e pró-mercado que a China vem implementando desde o final dos anos 70 do século passado.

O desempenho da economia chinesa seria, portanto, uma espécie de contraprova às experiências fracassadas do neoliberalismo na América Latina, como se tudo fosse uma questão de eficiência na aplicação das reformas neoliberais; como se a América Latina as tivesse implementado de forma incompleta e insuficiente, enquanto a China as teria implementado da forma correta.

Não é o caso, neste espaço, de interpretar as diferentes estratégias adotadas pela China e por países selecionados da América Latina. O objetivo deste estudo é comparar alguns resultados em termos de evolução do perfil do comércio externo da China e de alguns países da América do Sul, destacando especialmente a evolução da natureza do comércio externo entre eles.

Em poucas palavras, pode-se afirmar que o que caracterizou a abertura da economia na China a partir da década de 1980 foi justamente o seu maior direcionamento para promover, com uso de instrumentos de intervenção do Estado<sup>5</sup>, as exportações na direção de bens industriais marcadamente com alto conteúdo tecnológico. Nos anos 1990, ao contrário do que ocorreu na América Latina, esse processo é reforçado pela ampliação dos investimentos públicos voltados ao mercado interno, pela criação das *zonas especiais* voltadas para a promoção do progresso técnico contido nos produtos exportados, e pela expansão dos investimentos públicos em infraestrutura (com maior ênfase ainda nos últimos dois anos, após a desaceleração da economia mundial pós-crise do subprime<sup>6</sup>). Tudo voltado, em última instância, para a estratégia maior de promoção das exportações com alto conteúdo tecnológico.

---

<sup>5</sup> O que inclui, entre outros fatores, a institucionalização das zonas especiais de exportação (Oliveira, 2005), a opção por uma política cambial que favoreça as exportações (Medeiros, 2006; 2010), a ampliação da integração industrial e, por conseguinte também comercial com os demais países asiáticos mais importantes (Medeiros, 2006; 2010; Pasin, 2008), a ampliação dos investimentos públicos em Ciência e Tecnologia (Oliveira, 2005; Medeiros, 2006; Tepassê e Carvalho, 2010), a expansão de investimentos públicos em infraestrutura (Medeiros, 2010), ao mesmo tempo em que procurava impulsionar setores estratégicos para viabilizar estes investimentos, como por exemplo o setor siderúrgico (alvo de investimentos públicos e de associação - coordenada pelo Estado chinês - com capitais externos), que promoveu - entre outros fatores, alguns dos quais mencionados neste estudo - uma intensa mudança no perfil do comércio externo chinês, decorrente do aumento significativo da produção interna de aço e ferro, com ampliação da importação de minério de ferro, insumo fundamental para a sua crescente indústria siderúrgica, conforme salienta Pasin (2008).

<sup>6</sup> Segundo Medeiros (2010), umas das principais medidas adotadas pelo governo chinês, como resposta à recente crise internacional, com o objetivo de aquecer o mercado interno chinês, compensando a perda de demanda por suas exportações, foi a adoção de um pacote de investimentos públicos em infraestrutura de uma magnitude equivalente a cerca de meio trilhão de dólares. A presença destacada do investimento público em infraestrutura, porém, já vinha ocorrendo desde o final dos anos 1990, conforme mostra Medeiros (2006). No final dos anos 1990, estes investimentos também tiveram papel fundamental no aquecimento da economia chinesa, naquele momento afetado pela crise financeira que se abateu sobre seus principais parceiros asiáticos (Medeiros, 2006). Segundo Paulino (2009), uma das principais

Para cumprir o objetivo proposto, este estudo apresenta duas partes, além desta apresentação e dos comentários a título de conclusões. Na primeira, são avaliados os aspectos gerais da evolução recente do comércio exterior chinês, destacando a evolução do perfil (segundo categoria de produtos<sup>7</sup>) de suas exportações e importações, bem como a magnitude da trajetória de ambos em comparação com o conjunto do comércio mundial e com os continentes, em particular. Os dados revelam que a presença dos países da América Latina e do Caribe nos fluxos de comércio externo chinês tem crescido, nas últimas décadas, de forma destacada em relação aos demais continentes. Ainda nesta primeira parte, é feita uma comparação da evolução do faturamento envolvido no comércio externo chinês com os faturamentos dos países mais industrializados da América do Sul (Chile, Brasil e Argentina), ainda sem levar em consideração a natureza da evolução desses fluxos comerciais segundo as categorias de produtos. Na segunda seção, é feita uma avaliação mais detalhada da evolução recente do comércio externo chinês com os três países sul-americanos acima mencionados, buscando-se destacar a influência da China (respectivamente, como destino e origem), em comparação com outros países e/ou outras regiões, na evolução do perfil (segundo o grau de incorporação do progresso tecnológico nos produtos) das exportações e também das importações destes três países. Nas conclusões, procura-se destacar como as diferentes formas de inserção externa e como as respectivas opções de política econômica da China e dos países mencionados afetaram a evolução diferenciada do perfil comercial entre eles.

---

diferenças de desempenho econômico entre China e a América Latina reside justamente no fato de que a economia chinesa, nas últimas décadas, tem realizado intensos investimentos em infra-estrutura.

<sup>7</sup>A categoria do produto será avaliada segundo o seu conteúdo tecnológico. Pela classificação da CEPAL, esses produtos são classificados como: (a) PRODUTOS PRIMÁRIOS, que incluem principalmente produtos alimentícios, madeira, carvão, petróleo cru, minerais etc.; (b) MANUFATURAS BASEADAS EM RECURSOS NATURAIS, que incluem principalmente bebidas, produtos em madeira, metais básicos (exceto aço), derivados de petróleo, cimentos, pedras preciosas, vidros etc.; (c) MANUFATURAS BASEADAS EM BAIXA TECNOLOGIA, que incluem basicamente produtos da indústria têxtil, bem como manufaturas de couro e similares, cerâmica e objetos cerâmicos, móveis, joalheria, produtos plásticos etc.; (d) MANUFATURAS BASEADAS EM MÉDIA TECNOLOGIA, que incluem, entre outros, veículos de passageiros e suas partes, fibras sintéticas, veículos comerciais em geral, motocicletas, fibras sintéticas, produtos químicos em geral, fertilizantes, plásticos, ferro e aço, maquinaria, motores, máquinas industriais simples, bombas, barcos, relógios etc. e, finalmente: (e) MANUFATURAS BASEADAS EM ALTA TECNOLOGIA, destacando-se, nesse caso, máquinas para processamento de dados e computadores em geral, equipamentos de telecomunicações, equipamentos de televisão, artigos farmacêuticos, turbinas, transistores, aviões, instrumentos óticos e de precisão, máquinas fotográficas etc.

## **1. LINHAS GERAIS DA EVOLUÇÃO RECENTE DO PERFIL DO COMÉRCIO EXTERIOR DA CHINA E DA AMÉRICA DO SUL**

Está se tornando generalizada a percepção segundo a qual a China vem se tornando protagonista no cenário do comércio mundial, principalmente nesta primeira década de século XXI. De fato, segundo dados da CEPAL (2010: 09) a China não só superou na última década a Alemanha no ranking de exportações mundiais como se transformou em maior exportador mundial de bens. Se, dos US\$ 6,38 trilhões de exportações no mundo em 2000, os Estados Unidos eram responsáveis por 12%, a Alemanha por 9% e a China por 4%, em 2009 essa participação, respectivamente, era de 8%, 9% e 10%, para um total de exportações mundiais de US\$ 12,46 trilhões. Ou seja, a China aumentou sua fatia em um volume de comércio internacional que dobrou de tamanho em apenas 9 anos<sup>8</sup>.

Em termos absolutos, os valores das exportações chinesas, que em 1990 totalizavam US\$ 62 bilhões, passam para US\$ 149 bilhões em 1995 e US\$ 249 bilhões no ano 2000. A partir daí a taxa de crescimento dessas exportações se acelera, atingindo um total de US\$ 1.220 bilhões em 2007 e US\$ 1.430 bilhões no ano seguinte. O recuo para US\$ 1.201 bilhões em 2009 se deve ao momento conjuntural desfavorável, em função dos efeitos retardados da crise 2007-2008 na economia mundial.

O mesmo padrão pode ser observado no tocante às importações. De um total de US\$ 53 bilhões em 1990, elas passam para US\$ 132 bilhões em 1995, atingem US\$ 225 bilhões em 2000, e aceleram seu crescimento para chegar a US\$ 956 bilhões em 2007 e US\$ 1.132 bilhões em 2008. A diminuição para US\$ 1.005 bilhões no ano seguinte também é explicada pelos efeitos da crise na economia mundial.

Assim como no caso das elevadas taxas de crescimento de sua economia nas duas últimas décadas (pelo menos), o maior crescimento das exportações e importações chinesas se reflete na comparação com outras regiões. Levando em consideração os valores de exportações e importações de bens e serviços como proporção do PIB, como os dados da tabela 2, até o ano 2000 a China apresentava um percentual abaixo da média mundial, ainda que já viesse crescendo desde a década de 80. No século XXI é que a participação do comércio exterior chinês, como proporção de seu PIB, supera a média mundial – revelando o dinamismo da inserção externa chinesa recente.

---

<sup>8</sup> Mais detalhes acerca da participação de países selecionados no conjunto das exportações mundiais podem ser vistos na tabela 7, a seguir.

Tabela 2: Comércio de bens e serviços como % do PIB (anos selecionados)

Região	1980	1985	1990	2000	2005	2006
América Latina e Caribe	27,7	27,6	31,5	41,3	46,1	46,4
Brasil	20,4	19,3	15,2	21,7	26,6	25,8
China	21,7	24,0	34,6	44,2	69,3	72,0
Mundo	38,5	38,0	38,3	49,1	54,0	56,8

Fonte: Macedo e Silva (2010: 13).

Tal dinamismo pode ser analisado de forma mais qualificada quando avaliado segundo o ponto de vista das mudanças do perfil das exportações por categoria de produto.

Tabela 3: Exportações chinesas de bens por categoria de produto (%)

	1990	1995	2000	2007	2008	2009
Produtos primários	20,15	9,01	6,20	2,30	2,36	2,49
Manufaturas baseadas em recursos naturais	11,43	12,05	9,89	9,33	9,73	8,81
Manufaturas de baixa tecnologia	40,16	46,34	41,21	30,99	30,53	30,11
Manufaturas de média tecnologia	20,84	18,85	19,64	23,29	24,66	23,53
Manufaturas de alta tecnologia	5,35	13,01	22,39	33,60	32,28	34,55
Outras transações	2,07	0,67	0,67	0,49	0,44	0,51

Fonte: SIGCI-CEPAL

Em termos da pauta das exportações, a tabela 3 mostra claramente a redução percentual dos produtos primários no total das exportações. Eles representavam 20,15% em 1990, caem para 9,0% em 1995, 6,2% em 2000 e chegam a 2,3% e 2,5% em 2008 e 2009. Já as exportações de manufaturas de média e alta tecnologia, que significavam 26,18% do total de exportações em 1990, passam para 31,8% em 1995, 42% em 2000, atingem o patamar de 56% em 2007/2008 e, em 2009, chegam a 58%. Claramente, ao longo do período, as exportações chinesas têm se concentrado em produtos manufaturados de média e alta tecnologia, em detrimento dos produtos primários, destacando o fato de que esse processo ocorre em uma trajetória de crescimento extremamente elevado do total de exportações do país<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Levando-se em conta um período mais longo, iniciado em 1990, pode-se constatar um crescimento vertiginoso das exportações chinesas, que cresceram cerca de 19% ao ano, em média, desde então. Nos dois anos recentes, apesar da crise internacional (ou por isso mesmo, já que a China, embora muito atingida, recuperou-se mais rapidamente que os demais países importantes do mundo), as exportações

Tabela 4: Importações chinesas de bens por categoria de produto (%)

	1990	1995	2000	2007	2008	2009
Produtos primários	10,78	10,33	13,70	18,84	24,66	22,01
Manufaturas baseadas em recursos naturais	11,90	13,91	15,21	14,03	14,11	14,48
Manufaturas de baixa tecnologia	17,03	14,94	11,55	6,40	5,78	5,71
Manufaturas de média tecnologia	45,93	42,05	30,37	25,23	23,86	25,30
Manufaturas de alta tecnologia	13,41	17,42	28,04	34,98	30,97	31,90
Outras transações	0,96	0,99	1,13	0,51	0,62	0,61

Fonte: SIGCI-CEPAL

Do ponto de vista da pauta das importações, conforme a tabela 4, percebe-se um crescimento da participação de produtos primários na pauta importadora. Em 1990, os produtos primários eram responsáveis por 10,8% do total das importações, passando para 13,7% dez anos depois e crescendo, sucessivamente, para quase 19% em 2007, e para mais de 24% em 2008. Esse aumento relativo também é acompanhado pelas manufaturas baseadas em recursos naturais, ainda que em menor ritmo. Elas representavam 11,9% em 1990 e chegaram a 2009 com 14,4% do total de importações chinesas. No outro extremo, a participação de manufaturas de alta tecnologia também revela um forte crescimento de sua participação relativa no período em questão, sugerindo um aparelhamento do setor produtivo chinês no período, em direção a uma estrutura industrial mais complexa (Medeiros, 2006)<sup>10</sup>.

---

chinesas continuaram crescer. Já em 2009, conforme destacaram dados da OMC, a China passou a ser o país que mais exportava bens, superando a antiga líder Alemanha. Cf. Thorstensen (2010).

<sup>10</sup> Medeiros (2006) lembra que as mudanças no perfil do comércio externo chinês começam a se consolidar com as reformas promovidas a partir de 1978 por Deng Xiao Ping, que, entre outras medidas (cf. também Oliveira, 2005), alteraram a estrutura de posse e uso das terras agrícolas e abriram espaço para a promoção de mudanças intensas na estrutura industrial em um segundo momento. Basicamente, as reformas promovidas nas atividades agrícolas chinesas permitiram um significativo ganho de produção e de produtividade nos alimentos, cuja demanda estava em expansão, dados o crescimento da população chinesa (e sua acelerada urbanização, já a partir do final dos anos 1970) e da massa salarial, impulsionada pelo processo de industrialização também iniciado no final dos anos 80. Dessa forma, foi possível gradativamente superar restrições à montagem de uma estrutura industrial mais robusta na China, inicialmente dada pelas dificuldades de importação de máquinas, em virtude da pressão sobre a balança comercial anteriormente exercida pelas necessárias importações de alimentos. Com a crescente produtividade na produção de alimentos, foi possível ampliar a produção a ponto de também exportá-los. Ademais, a expansão da produção de alimentos permitiu ao Estado chinês ampliar investimentos públicos sem ter que enfrentar pressões inflacionárias. A melhoria na balança comercial de alimentos possibilitou o início de um processo de importações de máquinas e equipamentos para montar uma estrutura industrial ainda pouco complexa e inicialmente voltada apenas para a exportação de produtos manufaturados intensivos em mão-de-obra. Outros fatores, como os investimentos públicos em ciência e tecnologia e uma política industrial e cambial de apoio às exportações, permitiram uma crescente complexificação da



Essas mudanças no perfil da pauta do comércio exterior chinês merecem ainda mais destaque quando se leva em consideração que o volume de exportações e importações chinesas teve um crescimento vertiginoso no período. Entre 1990 e 2008, as exportações chinesas saltaram de 62 bilhões de dólares para mais de 1.429 bilhões de dólares, um crescimento de cerca de 19% ao ano; por outro lado, as importações chinesas, no mesmo período, saltaram de 53 bilhões de dólares para mais de 1.132 bilhões, o que também revela um crescimento expressivo (neste caso, de cerca de 18,5% ao ano, em média)<sup>11</sup>.

Assim, constata-se que tanto as exportações como as importações chinesas apresentaram elevado crescimento na última década e, ao mesmo tempo, a pauta de seu comércio demonstrou um crescimento da participação de exportações de manufaturas de média e alta tecnologia, enquanto que no que se refere às importações, cresceram os componentes de produtos primários e manufaturas baseadas em recursos naturais, assim como também de produtos industrializados baseados em alta tecnologia. Tal comportamento das importações chinesas, além de revelar a instalação de um parque industrial crescentemente complexo, reflete também uma ampliação das atividades industriais em geral, que demandam crescentes volumes de matérias-primas (desde commodities até bens manufaturados baseados em recursos naturais). Além disso, a natureza e a magnitude da expansão da pauta de importações chinesas também resultam das transformações urbanas pelas quais vem passando a sociedade chinesa (em boa medida decorrentes da própria industrialização acelerada das décadas recentes, bem como das mudanças ocorridas na produção agrícola e na vida rural, conforme Oliveira, 2005, e Medeiros, 2006), que se manifestam em aumento da urbanização, crescimento da renda média e mudança dos padrões de consumo, que exigem ao mesmo tempo ampliação do consumo de alimentos e bens de consumo e também ampliação da demanda por ração animal.

Levando tudo isso em consideração, a pergunta que fica se relaciona tanto com a origem e destino desse maior fluxo de comércio chinês, como também com a evolução do perfil das exportações e das importações chinesas segundo a categoria dos produtos.

---

estrutura industrial chinesa que, por sua vez, passou a demandar tanto mais alimentos quanto mais matérias-primas. Ao mesmo tempo, a estrutura industrial chinesa passa a demandar novos e mais sofisticados equipamentos, para continuar a se expandir e a atuar na produção de bens manufaturados de crescente conteúdo tecnológico. É nesse contexto de transformações complexas que houve a significativa e acelerada mudança na estrutura do comércio exterior chinês descrita neste artigo.

<sup>11</sup> As tabelas 8 e 9, a seguir, mostram dados mais detalhados sobre a trajetória de exportações e importações chinesas, respectivamente, bem como uma comparação com outros países.

Dessa forma, ficará mais clara a natureza das mudanças ocorridas nas relações comerciais entre a China e alguns países selecionados da América do Sul – objetivo central deste estudo.

Em primeiro lugar, deve-se constatar que a taxa de crescimento das exportações e importações chinesas (com destino e origem em relação à América Latina e Caribe) foi o dobro da taxa de crescimento das exportações e importações totais da China, durante a última década: “...la participación de América Latina y El Caribe sigue aumentando hasta alcanzar el 6% tanto de las exportaciones como de las importaciones chinas. Esto muestra que está creciendo, pero desde un nivel aún reducido” (CEPAL, 2010: 08).

Mais especificamente, pela tabela 5, constata-se que a taxa de crescimento das exportações chinesas para a América Latina e Caribe supera a média mundial desde 1990 e, mesmo no período que contém a atual crise da economia mundial (mais recente período definido na tabela), esse crescimento para a América Latina e Caribe se manteve nos mesmos patamares da primeira metade da primeira década do século atual, o que sugere uma demanda robusta e estável dos países do continente por produtos chineses (notar também que, no período mais recente, as exportações de produtos chineses para a América Latina e o Caribe tiveram um crescimento médio anual duas vezes maior do que as exportações chinesas para a economia mundial em média).

Tabela 5: Taxa de crescimento médio anual das exportações chinesas por sócios

Regiões\Período	1990-1995	1995-2000	2000-2005	2005-2009
América Latina e Caribe	32,2	17,8	26,8	26,1
Asia-Pacífico	26,5	9,3	20,3	11,6
EUA	36,7	16,1	25,6	10,2
União Européia	26,3	15,0	28,8	14,9
Resto do Mundo	8,6	7,1	26,6	14,3
Mundo	19,1	10,9	25,0	13,4

Fonte: CEPAL (2010: 08).

Do ponto de vista da taxa de crescimento das importações, a tabela 6 demonstra que a partir da segunda metade da década de 1990, a América Latina passa a apresentar um crescimento de suas exportações para a China maior do que a média mundial e, a partir da primeira década do século XXI, maior do que todas as outras regiões. Mesmo no período da crise, entre 2005-2009, as exportações da região para a China cresceram

22,8% em média, valor muito superior à média mundial (11,7%) e aos que foram obtidos por outras regiões.

Tabela 6: Taxa de crescimento médio anual das importações chinesas por sócios

Regiões\Período	1990-1995	1995-2000	2000-2005	2005-2009
América Latina e Caribe	14,5	12,7	37,6	22,8
Asia-Pacífico	32,4	12,2	23,9	7,1
EUA	19,7	6,8	16,8	10,2
União Européia	18,2	7,6	18,8	14,4
Resto do Mundo	11,2	13,4	26,8	14,5
Mundo	19,9	11,3	24,0	11,7

Fonte: CEPAL (2010: 08).

Quanto à estrutura da pauta do comércio exterior chinês, é marcante o fato de que, ainda na década de 1980, a China se especializava na exportação de commodities, enquanto alguns países da América Latina exportavam alguns produtos com conteúdo manufaturado. Essa tendência se inverteu. Segundo Tepassê e Carvalho (2010: 02), “a China tornou-se um grande consumidor de commodities, principalmente minérios, combustíveis minerais e frutas oleaginosas...o déficit de produtos não-industrializados cresceu 113 vezes em 1998-2008, enquanto o superávit em produtos de alta tecnologia incorporada subiu 55 vezes e o setor de média-alta tecnologia passou de um déficit de US\$ 17,45 bilhões para um superávit de US\$ 37,95 bilhões”.

Neste século XXI, a América Latina se tornou, como visto, o sócio comercial mais dinâmico da China. Como será que se deu a evolução do comércio exterior dessa região?

Em primeiro lugar, deve-se destacar que, no caso da América Latina e Caribe (ALC), a mesma tabela 2 evidencia que, embora tenha crescido desde 1985 a soma das exportações e importações da ALC como proporção do PIB, esse indicador sempre esteve abaixo da média mundial. Além disso, dados obtidos em Macedo e Silva (2010:14) revelam que as exportações dessa região representavam 4,3% do total mundial em 1980 e, ainda que tenham crescido um pouco no final do século passado, atingindo 4,8% do total mundial em 2000, voltam a 4,3% em 2008, parcela duas vezes inferior à participação chinesa. Esta última cresce de maneira expressiva em todo o

período, e atinge 8,7% das exportações globais<sup>12</sup> em 2008, valor superior ao dos EUA (tabela 7).

Tabela 7: Participação nas exportações globais (em % do total) – anos selecionados

Região e país	1980	1985	1990	1995	2000	2008
1- Economias avançadas	66,9	71,9	80,1	76,9	72,6	63,0
- Estados Unidos	11,2	11,3	11,7	11,3	12,1	8,2
- União Européia	38,2	37,3	42,6	38,8	38,1	38,2
2- Economias em desenvolvimento	33,1	28,1	19,9	23,1	27,4	37,0
- China	0,9	1,4	1,8	2,9	3,9	8,7
- Índia	0,4	0,5	0,5	0,6	0,7	1,1
- América Latina e Caribe	4,3	4,2	3,4	3,5	4,8	4,3
- Brasil	1,0	1,3	0,9	0,9	0,9	1,2

Fonte: Macedo e Silva (2010: 14).

A análise de algumas das principais economias da América do Sul, como nas tabelas 8 e 9, permite observar novas evidências de que o crescimento do total de exportações e importações entre 1990 e 2009 é expressivo, mas inferior ao crescimento chinês.

TABELA 8

Total de Exportações em US\$ milhões - anos selecionados

País	1990	1995	2000	2007	2008	tx cresc (*)
Argentina	12352	20963	26341	55780	70021	10,1
Brasil	31411	46505	55119	160649	197942	10,8
Chile	8522	15901	18215	65739	69085	12,3
China	62000	149000	249000	1218000	1429000	19,1

Fonte: SIGCI-CEPAL. Para a China, IMF-IFS (apud Banco Central do Brasil).

(\*) taxa média anual de crescimento entre 1990 e 2008.

Em termos de exportações, a Argentina pouco mais do que dobra o seu valor na primeira década e amplia sua taxa de crescimento para a década seguinte. O Brasil, por sua vez, nem chega a dobrar o valor de suas exportações entre 1990 e 2000, mas entre este último ano e 2008/2009 ele quase quadruplica. Os dois maiores países da América do Sul mostraram um crescimento de 10,1% (Argentina) e de 10,8% (Brasil) ao ano entre 1990 e 2008, sendo que no Chile esse valor foi superior: 12,3%. De todo modo,

<sup>12</sup> Os dados das tabelas 8 e 9 incluem exportações e importações de bens e também de serviços.

em todos os três casos, os valores são bem inferiores ao da China, cujas exportações cresceram 19,1% ao ano, em média, entre 1990 e 2008, com maior velocidade ainda nos anos mais recentes.

Quanto às importações, a tabela 9 mostra que a Argentina multiplica o seu total de importações por um valor maior do que 6 durante a década de 1990, enquanto Brasil e Chile mais do que dobram os seus respectivos totais de importações no mesmo período. Na primeira década deste século, a Argentina dobra suas importações, enquanto Brasil e Chile apresentam um crescimento bastante superior, mas todos com trajetória abaixo da observada no caso da China, que, no conjunto do período em questão, tem um crescimento de cerca de 18,5% em suas importações, contra 15,8% da Argentina, 12,0 % do Brasil e 12,5% no Chile.

TABELA 9

Total de Importações em US\$ milhões - anos selecionados

País	1990	1995	2000	2007	2008	tx cresc (*)
Argentina	4077	20122	25280	44707	57422	15,8
Brasil	22459	53734	55851	120621	173197	12,0
Chile	7022	14903	16620	42732	58173	12,5
China	53000	132000	225000	956000	1132000	18,5

Fonte: SIGCI-CEPAL. Para a China, IMF-IFS (apud Banco Central do Brasil).

(\*) taxa média anual de crescimento entre 1990 e 2008.

Ou seja, em linhas e números gerais, foi possível constatar que a corrente de comércio chinesa (medida em termos de participação das exportações mais importações em relação ao PIB) cresceu expressivamente mais do que a de alguns dos principais países da América do Sul. Esse dado é especialmente mais marcante quando se considera que o crescimento do PIB chinês foi significativamente maior do que o dos países sul-americanos mencionados e também maior do que a média da América do Sul (e da América Latina e Caribe).

A partir destas linhas gerais de evolução e perfil do comércio comparado entre China e algumas das principais economias da América do Sul, a questão que se abre é sobre a origem e destino dos fluxos de comércio das principais economias da América do Sul, assim como a estrutura tecnológica dos produtos que compõem sua pauta, em função da forma em que se deu a inserção externa dessas economias nas últimas

décadas, e o papel marcante da China como parceiro comercial mais dinâmico dos países até aqui mencionados.

## **2. EVOLUÇÃO DOS TIPOS DE PRODUTOS, POR PERFIL TECNOLÓGICO, E DA PAUTA DO COMÉRCIO EXTERNO ENTRE CHINA E PAÍSES SELECIONADOS DA AMÉRICA DO SUL SEGUNDO ORIGEM E DESTINO**

Eliminando-se da análise o atípico ano de 2009, pois foi o ano mais agudo da crise mais recente deflagrada pela derrocada do sistema de financiamento imobiliário do sub-prime americano, que teve efeitos sobre toda a economia mundial e também sobre os fluxos de comércio, pode-se perceber uma inversão significativa do perfil do comércio externo entre países selecionados da América do Sul e a China, considerando-se o período 1990-2008.

As tabelas a seguir descrevem sinteticamente a variação, em pontos percentuais, entre os anos de 1990 e 2008, tanto das exportações quanto das importações de três países sul-americanos (Brasil, Chile e Argentina). Os dados expostos nas tabelas referem-se aos efeitos compostos das respectivas trajetórias de destino das exportações (ou de origem das importações) segundo o tipo de produto.

Assim, por exemplo, no caso brasileiro, os dados que deram origem à tabela de variações de destino das exportações brasileiras<sup>13</sup> (tabela 10) mostraram, por exemplo, que, em 1990, 28,1% das exportações eram de produtos primários, enquanto em 2008 esse percentual era igual a 38,3%, ou seja, houve um aumento de 10,2 pontos (ver tabela 10) percentuais na participação de produtos primários na pauta exportadora brasileira no período. Além disso, os dados originais revelam, por exemplo, que, do total de exportações de 1990, apenas 0,2 ponto percentual tinham como destino a China,

---

<sup>13</sup> Nesta seção, todas as tabelas exibidas resultam da subtração dos dados de percentuais da composição das exportações (ou importações, conforme o caso) por tipo de produto e por destino (no caso das exportações; ou por origem, no caso das importações) em tabelas elaboradas para 1990 e para 2008 de cada país em questão. Por falta de espaço, as duas tabelas que deram origem a cada uma das 6 tabelas seguintes não serão aqui exibidas. As tabelas originais revelam, em base 100, a composição cruzada entre destino (ou origem, no caso das tabelas de importações) e tipo de produto. Por exemplo: no caso do Brasil, 28,1% do total das exportações de 1990 era de produtos primários, dos quais 1,1 ponto percentual seguiam para a ALC, 3,2 pontos percentuais para os EUA, 15,0 pontos percentuais para o grupo de países que hoje formam a União Européia, 1,9 ponto percentual para a Ásia 16, 0,2 ponto percentual para a China, 3,2 pontos percentuais para o Japão e 3,4 para outros. Em outras palavras, tomando-se o conjunto das exportações brasileiras, poder-se-ia dizer, por exemplo, que 15% do total era constituída por produtos primários enviados para o grupo de países hoje pertencentes à União Européia. Na tabela referente ao ano de 2008, 38,3% do total das exportações era formado por produtos primários. Desta forma, a tabela delas resultante (tabela 10) revela um valor de 10,2 no caso dos produtos primários (independentemente do destino), que significa dizer que houve uma expansão de 10,2 pontos percentuais na participação de produtos primários na pauta exportadora brasileira entre 1990 e 2008, sendo este valor subdividido por destinos segundo os valores distribuídos na primeira linha da tabela 10.

enquanto em 2009 esse percentual era de 6,4%. Em suma: ilustrando-se pelo caso da China, pode-se concluir que, dos dez pontos percentuais de crescimento do peso relativo dos produtos primários na pauta exportadora do Brasil (entre 1990 e 2008), cerca de 6,2 pontos (tabela 10) deveram-se exclusivamente à China, que, diga-se de passagem, tornou-se destino de 8,3% do conjunto das exportações brasileiras (ou seja, somando-se todos os tipos de produtos) em 2008, contra a quantidade de apenas 1,2% em 1990 (daí a diferença de 7,1 pontos percentuais expressa na tabela 10). Os dados da trajetória do perfil da pauta exportadora brasileira, segundo tipo de produto e destino, revelam uma expansão inequívoca da presença da China, que teve contribuição decisiva para a ampliação do peso dos produtos primários no total exportado pelo Brasil; da mesma forma, os dados da tabela 10 revelam que quase 90% do aumento da participação da China<sup>14</sup> como destino das exportações brasileiras deveu-se à demanda chinesa por produtos primários (e o restante, em quase sua totalidade, deveu-se a bens industrializados baseados em recursos naturais).

TABELA 10  
VARIAÇÕES DE PERFIL E DESTINO DAS  
EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS (\*)

BRASIL 2008 - 1990	ALC	EUA	EU	ASI A 16	CHIN A	JAPÃ O	OUTRO S	TOTA L
<b>EXPORTAÇÕES</b>								
Produtos Primários	4,0	0,1	-4,1	1,6	6,2	-1,2	3,6	10,2
Bens Industrializados	9,6	-11,0	-6,1	-2,3	0,9	-3,2	0,3	-11,9
Baseados em recursos naturais	1,6	-4,3	-2,6	0,0	0,6	-1,8	1,0	-5,5
De baixa tecnologia	1,1	-3,8	-1,9	-1,6	0,0	-0,3	-1,2	-7,8
De tecnologia média	5,4	-3,0	-1,6	-1,0	0,1	-1,0	0,0	-1,2
De alta tecnologia	1,5	0,1	0,0	0,3	0,2	0,0	0,5	2,6
Outras Transações	0,0	0,3	0,1	0,0	0,0	0,0	1,3	1,7
Total	13,6	-10,6	-10,1	-0,7	7,1	-4,4	5,1	0,0

Fonte: CEPAL, com base em dados oficiais.

(\*) em pontos percentuais segundo o total das exportações por perfil e destino.

A ampliação da presença da China como destino na pauta exportadora brasileira representou o deslocamento da posição que, em 1990, era representada pelo Japão como principal destino asiático das exportações brasileiras. A China como destino superava,

<sup>14</sup> Ou seja, 6,2 pontos percentuais em um total de 7,1 pontos percentuais (tabela 10).

em 2008, até mesmo o agregado de 16 países<sup>15</sup> da Ásia do Pacífico (8,3% do total das exportações brasileiras tinham como destino, naquele ano, a China, contra 7,8% do conjunto de 16 países asiáticos aqui definidos).

A tabela 10 mostra ainda que os demais 16 países asiáticos selecionados também tiveram uma importante contribuição para a ampliação das exportações de produtos primários brasileiros. Em termos de destino, observou-se, no caso brasileiro, uma redução da importância dos EUA e da União Européia<sup>16</sup>, de 10 pontos percentuais cada<sup>17</sup> entre 1990 e 2008. A retração do comércio com os EUA e com a União Européia é preocupante na medida em que ambos, em 1990, eram responsáveis, em conjunto, por cerca de metade das exportações brasileiras de bens industrializados de média e alta tecnologia; pior ainda, o peso relativo das exportações brasileiras de bens manufaturados de média tecnologia destinado ao grupo aqui definido de 16 países asiáticos está diminuindo. Por outro lado, destaca-se que a ampliação da presença de países do continente latino-americano como destino das exportações brasileiras parece estar especialmente baseada na absorção, por parte desses países, de produtos manufaturados de média tecnologia (principalmente) e de alta tecnologia, sugerindo estar no comércio com esses parceiros uma alternativa importante para a exportação de produtos de mais alto valor agregado por parte do Brasil<sup>18</sup>.

Outro elemento de destaque na evolução recente do perfil das exportações brasileiras parece ser uma diversificação geográfica dos destinos, algo, em princípio, alvissareiro, porém que merece o alerta de parecer ser um processo ainda muito dependente de produtos primários e/ou de bens industrializados baseados em recursos

---

<sup>15</sup> Que são os seguintes países: Austrália, Brunei, Camboja, Filipinas, Hong Kong (região administrativa especial da China), Índia, Indonésia, República Democrática Popular do Laos (Laos), Malásia, Myanmar, Nova Zelândia, República da Coreia, Singapura, Tailândia, Vietnã.

<sup>16</sup> A saber, segundo publicação de metodologia da CEPAL: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polónia. Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Romênia e Suécia.

<sup>17</sup> Em 1990, segundo dados que deram origem a estas tabelas, 24,6% das exportações brasileiras destinavam-se aos EUA e, em 2008, apenas 14% das exportações brasileiras eram endereçadas aos EUA; com relação à União Européia, os valores são iguais a 33,6% e 23,5%, respectivamente. Nos dois últimos anos, esses valores caíram ainda mais, pois a crise internacional tem afetado especialmente os países mais desenvolvidos.

<sup>18</sup> No que se refere aos bens industrializados de média tecnologia, a América Latina e o Caribe representam o único destino continental para o qual houve aumento da participação relativa das exportações brasileiras entre 1990 e 2008 (5,4 pontos percentuais), o que não evitou uma queda de participação das exportações desse tipo de bem no conjunto das exportações brasileiras no período (queda de 1,2 ponto percentual). No caso dos bens industrializados de alta tecnologia, houve um aumento de 2,6 pontos percentuais na sua participação na pauta de exportações brasileiras, dos quais 1,5 ponto deveu-se ao continente latino-americano (e Caribe), o que ressalta a importância crescente desses países como receptores de produtos brasileiros de alto teor tecnológico nos últimos vinte anos.



naturais. Ou seja, não parece que a diversificação geográfica do destino da pauta exportadora tenha sido acompanhada, pelo menos entre 1990 e 2008, por uma ampliação de alternativas para a exportação de bens manufaturados de mais elevados graus de incorporação tecnológica.

TABELA 11  
VARIÇÕES DE PERFIL E DESTINO DAS  
EXPORTAÇÕES CHILENAS (\*)

CHILE 2007- 1990	ALC	EUA	EU	ASI A 16	CHIN A	JAPÃ O	OUTRO S	TOTA L
<b>EXPORTAÇÕES</b>								
Produtos Primários	-0,8	-2,7	-2,5	4,2	5,4	2,1	-0,4	5,3
Bens Industrializados	4,5	-0,8	-10,2	0,0	9,4	-7,3	0,2	-4,1
Baseados em recursos naturais	3,6	0,3	-10,4	-0,3	9,4	-7,3	0,2	-4,5
De baixa tecnologia	0,2	-0,8	-0,2	0,0	0,0	0,0	-0,1	-1,0
De tecnologia média	0,8	-0,1	0,4	0,4	0,0	-0,1	0,1	1,5
De alta tecnologia	0,1	-0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	-0,2
Outras Transações	0,2	-0,4	-1,2	-0,1	0,0	-0,2	0,5	-1,1
Total	4,0	-4,0	-13,9	4,1	14,8	-5,5	0,3	0,0

Fonte: CEPAL, com base em dados oficiais.

(\*) em pontos percentuais segundo o total das exportações por perfil e destino.

A evolução do perfil das exportações chilenas (tabela 11) parece revelar um padrão semelhante ao brasileiro, embora de magnitudes mais modestas. Também no Chile houve uma expansão (no caso, entre 1990 e 2007) do peso das exportações de produtos primários na pauta exportadora, mas essa expansão teve menor magnitude que a brasileira (5,3 pontos percentuais, enquanto no caso brasileiro havia sido de mais de 10 pontos percentuais, conforme assinalado acima). Registre-se, porém, que a contribuição líquida da demanda chinesa por este tipo de produto foi, no caso chileno, ainda maior do que a no caso brasileiro: em termos líquidos, mais de 100% da expansão do peso relativo das exportações de produtos primários chilenos<sup>19</sup> deveu-se à destinação para a China (houve queda da contribuição do continente latino-americano e também queda dos EUA e da União Européia, país e região que tradicionalmente absorvem quantidades significativas de importação de produtos primários chilenos). Da mesma

<sup>19</sup> O aumento do peso relativo dos produtos primários na pauta exportadora chilena foi de 5,3 pontos percentuais entre 1990 e 2007; o aumento dos primários exportados para a China foi de 5,4 pontos percentuais.

forma como ocorreu com a pauta exportadora brasileira, também no caso da pauta chilena houve uma redução da participação de bens industrializados baseados em recursos naturais destinados ao Japão e à União Européia entre 1990 e 2007; por outro lado, a presença da China (também no caso deste tipo de produto) ampliou-se expressivamente no mesmo período (9,4 pontos percentuais de ampliação da participação relativa da pauta exportadora chilena entre 1990 e 2007 deveram-se exclusivamente às exportações de bens industrializados baseados em recursos naturais direcionados à China).

Com relação aos destinos, independentemente do tipo de produto, também se verifica uma trajetória semelhante à ocorrida no Brasil: ampliação estupenda da China e mudança na composição intra-asiática (substituição do Japão pela China, como principal destino asiático das exportações chilenas, com a diferença, no caso chileno em relação ao brasileiro, de que a participação relativa do destino Ásia 16 subiu – embora bem menos do que o nosso em relação ao destino chinês - no período em tela); queda da participação dos países ocidentais desenvolvidos e ampliação do destino dentro da ALC (dentro do seu próprio continente, ampliou-se a presença de exportações chilenas de bens industrializados, notadamente os baseados em recursos naturais).

O caso argentino é diferente dos anteriormente mencionados, pois não sofre aumento, mas redução modesta, da participação relativa dos produtos primários em sua pauta exportadora (tabela 12). Ainda no que se refere ao ponto de vista de mudanças na pauta exportadora segundo o perfil do produto, merece destaque a ampliação da participação dos bens manufaturados de média tecnologia, que aumentou 10,2 pontos percentuais entre 1990 e 2008 (tabela 12); de todo modo, é importante registrar que 90% desse aumento concentrou-se nas exportações destinadas à ALC. As mudanças ocorridas na pauta exportadora argentina, do ponto de vista do perfil dos produtos, colocam-na em uma situação mais próxima da pauta brasileira (que concentrava, em 2008, cerca de 38,5% de suas exportações em bens manufaturados de baixa, média e alta tecnologia, enquanto a pauta argentina atingia quase 28% para produtos desse mesmo perfil<sup>20</sup>) do que da chilena, na qual menos de 7% da pauta é formada por produtos industrializados, e mesmo assim destinados, em sua maior parte, apenas para países do mesmo continente.

---

<sup>20</sup> A diferença é que, no caso argentino, tem havido um crescimento da participação desses tipos de produtos manufaturados na pauta exportadora, enquanto no caso brasileiro a participação desses tipos de produto tem caído expressivamente.

TABELA 12  
VARIAÇÕES DE PERFIL E DESTINO DAS  
EXPORTAÇÕES ARGENTINAS (\*)

ARGENTINA 2008 - 1990	ALC	EUA	EU	ASI A 16	CHIN A	JAPÃ O	OUTRO S	TOTA L
EXPORTAÇÕES								
Produtos Primários	1,0	0,0	-8,6	1,6	5,5	-0,8	0,7	-0,7
Bens Industrializados	10,7	-5,8	-4,9	-0,7	1,7	-1,7	-1,9	-2,5
Baseados em recursos naturais	0,6	-4,4	-2,7	0,7	1,8	-0,9	-1,2	-6,1
De baixa tecnologia	-0,6	-2,2	-2,6	-1,0	0,1	-0,3	-0,9	-7,6
De tecnologia média	9,3	0,7	0,4	-0,2	-0,2	-0,1	0,2	10,2
De alta tecnologia	1,4	0,1	0,1	-0,2	0,0	-0,3	0,0	1,0
Outras Transações	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,0	3,1
Total	12,0	-5,9	-13,5	0,9	7,2	-2,5	1,8	0,0

Fonte: CEPAL, com base em dados oficiais.

(\*) em pontos percentuais segundo o total das exportações por perfil e destino.

A pauta de importações brasileira sofreu, basicamente, duas mudanças expressivas em sua trajetória entre 1990 e 2008 (tabela 13). Do ponto de vista das origens geográficas, houve um expressivo aumento da participação de produtos chineses e também de produtos oriundos do agregado Ásia 16. Em 1990, apenas 0,9% das importações brasileiras vinham da China e, em 2008, esse percentual saltou para 11,6% (daí a diferença de 10,7 pontos percentuais expressa na tabela 13). Do ponto de vista do tipo de produto, houve uma expansão da presença de bens manufaturados de médio e de alto grau de incorporação tecnológica, tendo, como contrapartida, uma expressiva queda da participação relativa de produtos primários. Deve-se sublinhar que esses dois movimentos estão interligados. A expansão da presença de produtos chineses deveu-se, principalmente, a bens manufaturados de média e alta tecnologia (somando 7,5 pontos percentuais em um total de 10,7); da mesma forma, a ampliação da participação dos 16 países asiáticos selecionados também se deu, majoritariamente (6,1 pontos percentuais em 9,6), em bens de médio ou alto conteúdo tecnológico. O crescimento (exceto no caso do Japão, que mostrou queda) da presença de produtos asiáticos foi tão expressiva que, em todos os outros agregados geográficos analisados (inclusive o residual “outros”<sup>21</sup>), houve queda de participação relativa. Ou seja, as exportações chinesas parecem ter

<sup>21</sup> Que contempla, por exemplo, entre outros, países como Canadá, Suíça, Noruega, URSS e toda a África.

deslocado exportações direcionadas ao mercado brasileiro por outros países e regiões, inclusive aquelas provenientes da própria ALC.

TABELA 13  
VARIAÇÕES DE PERFIL E ORIGEM DAS  
IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS (\*)

BRASIL 2008 - 1990	ALC	EUA	EU	ASI A 16	CHIN A	JAPÃ O	OUTRO S	TOTA L
<b>IMPORTAÇÕES</b>								
Produtos Primários	-2,4	-1,4	-1,0	0,1	-0,4	0,0	-11,8	-16,8
Bens Industrializados	1,1	-3,6	-0,7	9,4	11,0	-3,2	3,0	17,0
Baseados em recursos naturais	-1,0	-0,3	-0,9	2,4	1,4	-0,1	0,3	1,7
De baixa tecnologia	-1,0	-0,2	0,2	1,0	2,1	-0,2	0,1	1,9
De tecnologia média	3,1	-0,8	-0,4	2,2	2,9	-0,6	2,5	8,9
De alta tecnologia	0,0	-2,2	0,4	3,9	4,6	-2,2	0,0	4,5
Outras Transações	0,0	-0,2	-0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	-0,3
Total	-1,3	-5,1	-1,8	9,6	10,7	-3,2	-8,8	0,0

Fonte: CEPAL, com base em dados oficiais.

(\*) em pontos percentuais segundo o total das importações por perfil e origem.

Na pauta de importações chilenas (tabela 14), observa-se uma ampliação significativa da participação relativa chinesa e do agregado de 16 países da Ásia do Pacífico, em detrimento da participação relativa do Japão<sup>22</sup> e, principalmente, do grupo de 27 países da União Européia. Ampliou-se também o peso relativo do continente latino-americano como origem das importações chilenas, principalmente no caso de produtos primários (e 1,5 ponto percentual de produtos de alto conteúdo tecnológico).

Do ponto de vista do tipo de produto, a pauta de importações chilenas sofreu uma ampliação do peso relativo de produtos primários (oriundo do continente latino-americano, em termos líquidos, em mais de 100%) e uma queda da participação de bens manufaturados de média tecnologia. Destaque-se, porém, que, em 2007, esse tipo de produto ainda representava cerca de um terço da pauta de importações chilenas (o maior peso relativo segundo o tipo de produto<sup>23</sup>); ademais, deve-se sublinhar que houve uma intensa mudança na composição da origem das importações desses produtos, com a

<sup>22</sup> Em 1990, o Chile importava do Japão bens em valor total igual a cerca de 570 milhões de dólares; em 2007, esse valor era de pouco menos do que 1,6 bilhão de dólares. No mesmo período, o total de importações chilenas subiu de cerca de US\$ 7 bilhões para mais de US\$ 42,7 bilhões. Ou seja, houve, no período em questão, uma significativa queda da participação japonesa nos importados chilenos, de 8,1% para cerca de 3,7%.

<sup>23</sup> Segundo tabelas que deram origem à tabela 14.

China e Ásia 16 adquirindo presença relevante e deslocando importações que antes vinham do Japão e reduzindo o peso relativo da União Européia e dos EUA. No caso de importações de produtos de alta tecnologia, repete-se o mesmo fenômeno de expansão chinesa com deslocamento de japoneses<sup>24</sup> e redução da parcela de europeus e estadunidenses.

TABELA 14  
VARIAÇÕES DE PERFIL E ORIGEM DAS  
IMPORTAÇÕES CHILENAS(\*)

CHILE 2007 - 1990	ALC	EUA	EU	ASI A 16	CHIN A	JAPÃ O	OUTRO S	TOTA L
<b>IMPORTAÇÕES</b>								
Produtos Primários	9,2	0,6	-0,1	0,1	0,0	0,0	-2,9	6,8
Bens Industrializados	-0,8	-3,0	-12,5	6,1	10,6	-3,8	-2,4	-5,7
Baseados em recursos naturais	-0,8	3,4	-1,3	4,6	0,7	0,1	0,7	7,4
De baixa tecnologia	-0,5	-1,0	-1,4	-0,2	5,0	-0,5	-0,1	1,3
De tecnologia média	-1,0	-4,2	-8,5	1,8	2,6	-1,8	-3,1	-14,2
De alta tecnologia	1,5	-1,2	-1,3	0,0	2,3	-1,6	0,1	-0,2
Outras Transações	0,0	-0,1	-0,5	0,0	0,0	-0,6	0,1	-1,1
Total	8,4	-2,5	-13,1	6,2	10,6	-4,4	-5,3	0,0

Fonte: CEPAL, com base em dados oficiais.

(\*) em pontos percentuais segundo o total das importações por perfil e origem.

No que se refere às importações argentinas (tabela 15), a trajetória tem um comportamento mais parecido com o que ocorreu no Brasil. Ou seja, no caso argentino houve uma queda na participação relativa das importações de produtos primários e um aumento nas importações de bens manufaturados de média tecnologia (6,3 pontos percentuais no total da pauta), de baixa tecnologia (2,8 pontos) e de alta (2,2 pontos). Em 2008, segundo dados que deram origem à tabela 14, os bens manufaturados de média tecnologia representavam 45,5 % das importações argentinas, e os de alta tecnologia, 16,9%.

O que a tabela 15 indica é que a expansão do peso relativo dos bens manufaturados de alta e de média tecnologia deveu-se basicamente a duas origens: América Latina e Caribe (especialmente) e China, no caso de média tecnologia; e

<sup>24</sup> Só para ilustrar, vale lembrar que, em 1990, o Chile importava o equivalente a irrisórios US\$ 4 milhões de produtos chineses de alta tecnologia, valor que saltou para pouco mais de US\$ 1 bilhão em 2007; enquanto isso, houve uma queda em valores absolutos de importações chilenas de produtos japoneses de alto teor tecnológico, que foi de cerca de US\$ 133 milhões para US\$ 123 milhões no mesmo período.

também América Latina e Caribe e China, em proporções semelhantes, no caso da alta tecnologia. Parece existir, nesses casos, uma concorrência entre a China e o Brasil (principal exportador latino-americano para a Argentina), pelo mercado argentino, o que abre uma perspectiva de acirramento da concorrência nos próximos anos, dado o crescimento recente (e de boas perspectivas, no futuro próximo) do mercado argentino e dado o expressivo crescimento da presença de produtos chineses nesse mercado: basta lembrar que, em 1990, as importações argentinas de bens de média e de alta tecnologia oriundos da China representavam apenas cerca de 0,2 % de toda a pauta de importação do país, mas, 18 anos depois, esse conjunto agregado vindo da China já representava 7,4% de toda a pauta de importação da Argentina (no conjunto dos produtos, a presença de importados chineses significava apenas 0,8% das importações argentinas e passaram a representar 12,4% em 2008, sendo que dados mais recentes apontam para um crescimento contínuo e expressivo da presença de importações chinesas no mercado argentino).

**TABELA 15**  
**VARIAÇÕES DE PERFIL E ORIGEM DAS**  
**IMPORTAÇÕES ARGENTINAS (\*)**

ARGENTINA 2008 - 1990	ALC	EUA	EU	ASI A 16	CHIN A	JAPÃ O	OUTRO S	TOTA L
<b>IMPORTAÇÕES</b>								
Produtos Primários	-6,4	-1,1	-0,6	-2,2	0,0	0,0	-0,2	-10,5
Bens Industrializados	14,2	-6,7	-11,9	1,6	11,6	-2,0	3,0	9,7
Baseados em								
recursos naturais	-0,6	-1,9	-3,5	0,4	2,4	-0,2	1,9	-1,6
De baixa tecnologia	2,2	-0,4	-1,0	0,5	2,1	-0,4	-0,1	2,8
De tecnologia média	9,6	-3,5	-6,5	1,5	3,9	0,0	1,3	6,3
De alta tecnologia	3,0	-0,8	-0,9	-0,8	3,2	-1,4	-0,1	2,2
Outras Transações	0,6	-0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,8
Total	8,3	-7,9	-12,5	-0,5	11,6	-2,0	3,1	0,0

Fonte: CEPAL, com base em dados oficiais.

(\*) em pontos percentuais segundo o total das importações por perfil e origem.

## CONCLUSÕES

A elevada dimensão do comércio exterior chinês e também o seu significativo crescimento nas últimas décadas provocaram mudanças importantes também no perfil do comércio externo dos demais países do mundo, tanto os desenvolvidos quanto os

países em desenvolvimento. No caso do relacionamento comercial da China com os países da América Latina essas mudanças foram especialmente significativas, tendo sido este o continente cujo volume de comércio com a China mais cresceu nas duas últimas décadas. Dados da OMC revelam que, somente entre 2005 e 2009, a participação da América Latina e Caribe como destino das exportações chinesas subiu de 5,2% para 7,4%, enquanto esse continente representava cerca de 6,7% das importações chinesas em 2005 e passou a contribuir com cerca de 10,4% de todas as importações do maior país asiático, sendo que, deste aumento percentual, quase a metade deveu-se a importações provenientes do Brasil.

Da mesma forma que foi marcante a expansão do comércio externo chinês, destacou-se a intensidade da velocidade de mudança dos perfis de suas pautas de exportação e de importação, as quais revelam, por sua vez, as significativas alterações estruturais de seu setor produtivo, quer seja nas atividades agrícolas, bem como nas industriais e também no setor de serviços. Até três décadas atrás, a China era um país caracterizado por exportações especialmente de produtos manufaturados de baixa tecnologia e intenso uso de mão-de-obra e também de commodities agrícolas. Nas décadas mais recentes, porém, a China rivaliza cada vez mais com os países desenvolvidos no mercado internacional de bens manufaturados e serviços tecnologicamente sofisticados e importa insumos básicos e alimentos para suprir uma indústria cada vez mais pujante e desenvolvida, e também para alimentar uma população cuja renda per capita e cujo grau de urbanização evoluem a ritmos inéditos na história da humanidade.

A crescente importância da América Latina como destino e origem do comércio exterior chinês já justificaria um estudo acerca das relações comerciais do gigante asiático com este continente. Particularmente porque os dados apontam uma significativa mudança na estrutura da pauta de exportações e de importações dos países latino-americanos, particularmente nos casos dos países mais industrializados do continente, razão pela qual este estudo optou por focar mais atenção nos casos do Brasil, da Argentina e do Chile.

Os dados apresentados neste estudo alertam para a penetração acelerada das exportações chinesas em toda a ALC. Parece que tal movimento foi mais significativo especialmente em países de maior mercado interno e maior peso de atividades industriais, como Brasil e Argentina. Mais importante ainda é perceber que a ampliação das importações chinesas ocorreu especialmente nos casos de bens manufaturados de

média e de alta tecnologia. Da mesma forma é significativo sublinhar que a presença da China como destino das exportações latino-americanas tem crescido exponencialmente nos anos mais recentes; não obstante, as exportações latino-americanas para a China têm se concentrado em produtos primários ou em produtos industrializados baseados em recursos naturais<sup>25</sup>, o que configura algo que, estrategicamente, pode ser preocupante para as economias da ALC, ainda mais se os preços das commodities agrícolas e minerais apresentarem queda de preços no futuro. De todo modo, mesmo se a demanda chinesa e dos demais países asiáticos por commodities produzidas na América Latina se mantenha em alta por um período ainda longo, é da mesma forma preocupante o cenário de médio e longo prazo especialmente para os países mais industrializados, notadamente o Brasil, caso esse longo período de “bonança” dos preços das commodities vier acompanhado de um longo período de valorização cambial nessas economias, o que tende a provocar efeitos nefastos na produção industrial, não somente por seus efeitos depressivos nas exportações de bens manufaturados destes países, como também pela crescente penetração de produtos manufaturados provenientes da própria China (e de outros países asiáticos de indústria cada vez mais dinâmica) nas economias sul-americanas de economia mais industrializada. Tal processo parece já estar ocorrendo nos últimos anos, especialmente na primeira década do atual século, conforme mostram os dados avaliados na segunda seção deste trabalho.

### **Referências Bibliográficas**

BAUMANN, R.; ARAÚJO, R. e FERREIRA, J. (2010) As Relações Comerciais do Brasil com os demais BRICs. Em: Baumann, R. (Org.) O Brasil e os demais BRICs – comércio e política. Brasília: CEPAL/IPEA.

CEPAL (2010) La República Popular China y América Latina y el Caribe: hacia una relación estratégica. Santiago: CEPAL.

MACEDO e SILVA, A. C. (2010) O Expresso do Oriente: redistribuindo a produção e o comércio globais. *Observatório da Economia Global*, textos avulsos, n.2, abril. CECON – Unicamp.

MEDEIROS, C.A (1999) China: entre os séculos XX e XXI. Em: Fiori, J. L. (Org.) *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes.

---

<sup>25</sup> Por exemplo: soja e derivados de soja; cobre e derivados de cobre etc.



MEDEIROS, C.A (2006) A China como um Duplo Pólo na Economia Mundial e a Recentralização da Economia Asiática. *Revista de Economia Política*, vol. 26, n.3 (103), pp. 381-400, julho-setembro.

MEDEIROS, C.A (2010). O ciclo recente de crescimento chinês e seus desafios. *Observatório da Economia Global*. Textos avulsos – n. 3 – junho/2010. CECON/UNICAMP.

MILANOVIC, B (2005). *Worlds Apart – measuring international and global inequality*. Princeton: Princeton University Press.

OLIVEIRA, C.A.B. (2005). Reformas Econômicas na China. *Economia Política Internacional*, CER/IE/UNICAMP, Campinas, n.7, pág. 12-23, abr./jun. 2005.

OLIVEIRA, I. T. M.; LEÃO, R. P.F. e CHERNAVSKY, E. (2010). A Inserção no Comércio Internacional do Brasil, da Índia e da China (BIC): notas acerca do comércio exterior e política comercial. Em: Baumann, R. (Org.) O Brasil e os demais BRICs – comércio e política. Brasília: CEPAL/IPEA.

PASIN, J.A. (2008). Impactos da abertura comercial chinesa sobre o comércio internacional (1998-2006). *Revista do BNDES*, vol. 14, n. 29, p. 309-326, junho de 2008.

PAULINO, L.A. (2009). Os impactos do comércio da China nos mercados emergentes da América Latina. In: PAULINO, L.A. e PIRES, M. C. (2009). *Nós e a China: o impacto da presença chinesa no Brasil e na América do Sul*. São Paulo: LCTE Editora.

PUGA, F. e NASCIMENTO, M. (2010). O efeito da China sobre as importações brasileiras. N. 89. *Visão do Desenvolvimento*. BNDES. Dez 2010.

SELA (2010). Evolución reciente de las relaciones económicas entre La República popular de China y América Latina y el Caribe. Mecanismo institucionales y de cooperación para su fortalecimiento. XXXVI Reunión Ordinária del Consejo Latinoamericano. Caracas, Venezuela. 27 al 29 octubre de 2010. (mimeografado).

TEPASSÊ, A. C. e CARVALHO, C. E. (2010). Efeitos da Ascensão da China sobre as Exportações Brasileiras para EUA e América Latina. *Anais do XV Encontro Nacional de Economia Política*, Sociedade Brasileira de Economia Política, São Luis.

THORSTENSEN, V. (2010). China – líder das exportações mundiais e também membro da OMC: desafios e oportunidades para o Brasil. VII Fórum de Economia da FGV-SP. Acesso: <http://www.eesp.fgv.br/upload/noticia/4c9770fd75b6c.pdf>